



IX Simpósio Nacional de História Cultural
Culturas – Artes – Políticas: Utopias e distopias do mundo contemporâneo
1968 – 50 ANOS DEPOIS
Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT
Cuiabá – MT
26 a 30 de Novembro de 2018

**ESPAÇO E TEMPORALIDADE DA VIDA LÚDICA DA RUA MARIA
ANTÔNIA**

Fernando Santos da Silva¹
Maurício Tintori Piqueira²

**ESPAÇO E TEMPORALIDADE: DIÁLOGOS ENTRE A GEOGRAFIA CULTURAL
E A HISTÓRIA CULTURAL**

A compreensão da vida cultural de uma das ruas mais conhecidas da região central de São Paulo, a partir da década de 1960, necessita de uma análise ancorada no diálogo interdisciplinar entre a Geografia Cultural e a História Cultural francesa. Teorias pós-modernas que ganharam força a partir da segunda metade do século XX, tiveram a importância de lançar novas perspectivas para a análise da relação entre espaço e tempo, cruciais para um entendimento do processo histórico dos microespaços existentes no cotidiano social. Paul Charles Christophe Claval define a Geografia Cultural da seguinte forma:

¹ Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Professor na Universidade Paulista – UNIP. É autor dos livros: “*Manipulando Almas: a construção do imaginário paulista na República Velha*”; “*Para além dos muros da escola: o universo das crianças*”; e colaborador da trilogia: “*História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista*” sendo um dos responsáveis pelo 3º vol. - Governo e Municipalidade.

² Doutor em Ciências Sociais e Mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – Professor do curso de História da Faculdade de Ribeirão Pires. Foi colaborador da trilogia: “*História do Estado de São Paulo: a formação da unidade paulista*” sendo um dos responsáveis pelo 3º vol. - Governo e Municipalidade.

(...) a geografia cultural analisa os mecanismos de comunicação que são responsáveis pela transmissão da cultura. Ela evidencia as fases da construção do indivíduo através da cultura, e enfatiza o papel da reprodução e este da invenção. Ela mostra como as identidades individuais e coletivas resultam dessa construção. Neste processo, um aspecto fundamental é a criação duma dimensão normativa na existência individual e coletiva. As normas nascem da capacidade da mente humana de imaginar alhures, que servem de modelos: o tempo imemorial das religiões tradicionais, o céu das religiões reveladas, a esfera da razão das metafísicas, a utopia das ideologias do progresso social, as forças inconscientes profundas nas ideologias contemporâneas. (CLAVAL, 2011, p. 12)

Segundo essa linha teórica, os mecanismos de comunicação estão incubidos de formar as identidades culturais e as significações de um determinado espaço territorial. E a cultura e suas expressões são mediadores do conhecimento do mundo por parte do indivíduo, que por sua vez:

[...] se faz através de representações: os homens não têm conhecimento direto, imediato das realidades terrestres, dos lugares e da organização do espaço. O seu conhecimento é sempre baseado sobre a percepção que eles têm da superfície da Terra, e sobre as representações que eles compartilham dela. (CLAVAL, 2011, p. 16)

Tais representações não são pétreas e eternas. Elas são transformadas e modificadas com a passagem do tempo, cabendo a História Cultural que, assim como a Geografia Cultural advoga pela interdisciplinaridade, procura analisar, identificar e descrever tais mutações. Como apontou o historiador francês Roger Chartier:

A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objetivo identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Uma tarefa deste tipo supõe vários caminhos. O primeiro diz respeito às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categoriais fundamentais de percepção e de apreciação do real. Variáveis consoantes como as classes sociais ou os meios intelectuais são produzidos pelas disposições estáveis e partilhadas, próprias do grupo. São estes esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço decifrado. (CHARTIER, 2002, p. 16-17)

Tais esquemas intelectuais constituem-se em representações sociais que, embora tenham a pretensão de serem neutras e racionais, na realidade estabelecem-se como uma visão de mundo de um grupo social. Como destacou Chartier:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupo que a forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem utiliza. (Idem, p. 17).

Partindo de tais perspectivas teóricas, o presente artigo propõe uma análise das diversas significações que a Rua Maria Antônia representou no decorrer da História da cidade de São Paulo, a partir do século XX, estas relacionadas à educação, política e vida boêmia. Um cotidiano em permanente transformação cujas reminiscências devem ser um objeto de estudo interdisciplinar visando a preservação não apenas da História, mas, da memória coletiva paulistana.

UM ESPAÇO DE EDUCAÇÃO E DOS DEBATES SOBRE OS RUMOS DO PAÍS

A oficialização da Rua Maria Antônia como logradouro municipal ocorreu no dia 24 de agosto de 1916, através do Ato nº 972, sancionado pelo então prefeito Washington Luís Pereira de Sousa (1869 – 1957). O nome da rua é uma homenagem a uma integrante da alta sociedade paulistana, Dona Maria Antônia da Silva Ramos (1815-1902), que teve uma importante participação para a fundação da Faculdade Mackenzie (inicialmente denominada Escola Americana), doando o terreno que integrava a sua chácara, no qual foram construídas as primeiras instalações da instituição.

Próximo ao Mackenzie encontrava-se a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCLC). Fundada em 1934, fora transferida para o prédio da Rua Maria Antônia em 1949. Nas ruas vizinhas, localizavam-se diversas outras instituições de ensino superior, boa parte delas vinculadas à Universidade de São Paulo (USP), como a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) e a Faculdade de Economia e Administração (FEA). Portanto, na Rua Maria Antônia havia uma grande concentração de professores, intelectuais, artistas e estudantes que frequentava não apenas as livrarias, mas também, os bares onde bebiam e conversavam sobre amores (correspondidos ou não), arte, cultura e política. E a partir da segunda metade da década de 1950, até o final dos anos 1960, inserida no contexto socioeconômico e político brasileiro e mundial, a Rua Maria Antônia tornou-se uma pequena mostra das contradições vivenciadas no país e dos debates em torno dos projetos de modernização brasileira.

O conjunto da historiografia e dos meios de comunicação contribuíram, cada um ao seu modo, para tornar a Rua Maria Antônia um lugar de memória restrito aos

acontecimentos de outubro de 1968. No entanto, isso não eliminou os significados dessa rua como um espaço cultural, educacional e boêmio.

No ano do cinquentenário da assim chamada “Guerra da Maria Antônia”, veículos da imprensa insistem em lembrar tais conflitos sob o ponto de vista da polarização entre a “direita” *mackenzista* e a “esquerda” *uspiana*, como pode ser percebida na matéria “*Há 50 anos, Maria Antônia era palco de guerra entre estudantes*”, assinada pelo jornalista Leão Serva e publicada na *Folha de São Paulo* em 22 de abril de 2018³, embora reconheça que tal realidade não era tão esquemática ao lembrar, mais a frente que o vice-presidente da União Estadual dos Estudantes (UEE) na época, Américo Nicolatti, era aluno do Mackenzie, além de boa parte dos alunos envolvidos no confronto eram dessa instituição:

Quem passa pela Maria Antônia [...] talvez nem se dê conta de que a rua de Higienópolis, há meio século, foi centro das atenções da cidade, cenário do que poderia ter sido o início de uma revolução. Ali se decidiam os destinos da humanidade, na disputa entre dois polos políticos antagônicos: Mackenzie à direita, e Filosofia da USP, à esquerda. Assim, pelo menos, pareciam pensar os estudantes que em outubro de 1968 ocuparam os prédios das duas instituições. Dos lados opostos da rua e da batalha ideológica, eles se atacavam mutuamente com xingamentos, pedras, de vez em quando disparos e muitas vezes batalhas campais [...].

No decorrer da matéria, novamente reforça-se a ideia de polarização ideológica das instituições, dando a entender que estas manipulavam as consciências de seus alunos e sem levar em conta o contexto vivenciado no período. Talvez tal lembrança da “polarização” por parte do autor da matéria relacione-se com uma nova polarização da política que vêm marcando o país, a partir de 2013, beirando a um anacronismo que desvaloriza os vários significados da Rua Maria Antônia da época, marcados pela riqueza dos aspectos educacionais e culturais. Provavelmente, a pouca valorização desses aspectos novamente represente a pouca atenção que estas áreas, infelizmente, estão tendo no país na atualidade.

Tais análises podem levar a crer que não havia mobilização estudantil na Universidade Mackenzie, supostamente hegemônica por grupos de extrema-direita cuja composição social seria a burguesia paulistana. Contudo, apesar dos percalços, havia

³ SERVA, Leão. “Há 50 anos, Maria Antônia era palco de guerra entre estudantes”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/leaoserva/2018/04/ha-50-anos-maria-antonia-era-palco-de-guerra-entre-estudantes.shtml>. Acesso: 05 de maio de 2018.

um grupo de esquerda atuante na instituição que, justamente pela forte presença direitista entre os alunos, trabalhava com maiores dificuldades, como relatou o ex-aluno do Mackenzie, Lauro Pacheco de Toledo Ferraz (apud SANTOS, 1988, p. 224-225):

A luta que se travou na Maria Antônia em 1968 não foi um confronto entre universidades. Foi um confronto de posições políticas. Na USP as posições se expressavam através de um confronto entre a própria esquerda, na sua divisão e fragmentação. No Mackenzie, exatamente pela fragilidade do movimento mais avançado, houve uma experiência muito interessante de aglutinação das forças mais politizadas num único bloco para estabelecer um confronto com a direita. Isto é, o Mackenzie possuía uma história muito particular da formação de consciência da necessidade de somar forças para se opor à direita. O grupo de direita, ligado ao CCC, era relativamente pequeno, bem estruturado, extremamente violento, e pela intimidação impedia que as relações mais naturais da sociedade se expressassem no interior do movimento estudantil. Nós tínhamos confrontos internos quase que diários. Muitas vezes as assembleias terminavam em pancadaria, desencadeada pelo CCC, para impedir que se chegasse ao final com resultados favoráveis aos setores mais avançados. Essa situação foi mudando progressivamente [...]. Em 67 fui eleito presidente do Diretório Acadêmico da Faculdade de Direito, travamos aquela grande briga pelas eleições da UEE [União Estadual dos Estudantes] e conseguimos realizar inúmeras assembleias nos anos de 1967-68, todas com início e fim sem tumultos. Na Universidade Mackenzie, os anos de 1967-1968 foram de intensa participação política, sendo que sua atuação influía inclusive na vida da UEE e da UNE [...]. Essa maior participação dos estudantes do Mackenzie ocorria em compasso com a própria história brasileira. Afinal, nós estávamos vivendo um momento de grande ascensão do movimento de massas, apoiado, fundamentalmente, nas classes médias [...]. Foi justamente nesse contexto que se deu o confronto com os alunos que estavam na Faculdade de Filosofia da USP [...].

Corroborando o depoimento acima, até uma das lideranças estudantis da época, José Dirceu (apud SANTOS, 1988, p. 219), desmente a versão de que o embate da Rua Maria Antônia foi um confronto motivado pela suposta rivalidade entre o Mackenzie e a USP:

Na verdade, foi preciso montar uma provocação, uma suposta briga entre o Mackenzie e a Filosofia, que nunca existiu. A direita do Mackenzie era minoritária lá dentro e eles vieram contra 90% dos estudantes da Filosofia da USP. Isso serviu de pretexto para a polícia invadir o prédio e destruir a faculdade [...].

Por fim, essa visão mais complexa e heterogênea dos confrontos da Rua Maria Antônia pode ser percebida na entrevista concedida por dois ex-alunos na época e, na atualidade, professores, sobre esses acontecimentos, publicada na matéria *A Maria*

Antônia revisitada (2008)⁴, por ocasião do aniversário de 40 anos destes (1968). Para Franklin Leopoldo e Silva:

O Mackenzie não era um lugar inteiramente dominado pela direita. Pelo contrário, havia um movimento forte de esquerda em vários cursos e às vezes as entidades estudantis estavam em mãos de pessoas de esquerda. Havia uma tensão bastante grande e é claro que as pessoas que faziam esse tipo de movimento lá corriam um risco muito maior. A origem dos grupos paramilitares que se infiltraram no movimento estudantil não era a universidade presbiteriana, mas locais como a Faculdade de Direito da USP. Eles se estabeleceram no Mackenzie porque, do ponto de vista dos interesses que governavam a direção, pendia-se para a direita, o *status quo* e o apoio à ditadura. Quando houve o confronto, o Mackenzie era realmente uma base de grupos paramilitares que acabaram se estabelecendo ali com o apoio de parte dos alunos, não a totalidade [...].

No mesmo sentido, o professor e então aluno do Mackenzie na época, Marcel Mendes, ressalta que a instituição tinha um posicionamento ideológico de direita, mas isso não significa que todos os alunos seguissem essa tendência e tampouco a direção apoiasse explicitamente os grupos paramilitares de extrema-direita:

Os integrantes da direção eram ligados ao governo do estado [de São Paulo] e ao regime militar. O Mackenzie tinha posições políticas e ideológicas bastante conservadoras e, se a direção fosse se definir por um lado, não seria à esquerda, mas à direita. Não havia um confronto institucional entre as universidades, mas embates de grupos que tinham posições ideológicas opostas. Naquele momento, o prédio da USP na Maria Antônia sediava segmentos do movimento estudantil que tinham até seu lado clandestino e armado, e que por isso despertavam o antagonismo mais radical dos adeptos do Comando de Caça aos Comunistas e outros grupos de direita [...]. Inclusive estudantes do Mackenzie acampados na Faculdade de Filosofia, que eram vistos como “traidores” pelos direitistas [...]. Havia infiltração do CCC e de outros grupos paramilitares em muitas universidades, como na própria USP e na PUC [...]⁵.

É possível, perceber, portanto, uma diversidade e heterogeneidade nas diversas memórias existentes sobre um mesmo fato. E, entre elas, geralmente há disputas visando qual delas se sobressai e (re)constrói a História. Como também é difícil caracterizar como uma totalidade um espaço sociocultural marcado por ricas diversidades e variedades de pontos de vista. Esta perspectiva parece adequar-se às lembranças dos confrontos da Rua

⁴ HEBMÜLLER, Paulo. “A Maria Antônia revisitada”. Disponível em: <http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2008/jusp847/pag10.htm>. Acesso: 18 de março de 2018.

⁵ Idem.

Maria Antônia de 1968 que, muito mais do que seu significado político, teve um impacto profundo e fatal sobre a efervescência cultural desta região central da capital paulista. Efeitos sentidos até os dias atuais.

UM ESPAÇO DA BOÊMIA: ENTRE UM GOLE E OUTRO, POLÍTICA, MPB E JOVEM GUARDA

O espaço configurado da Rua Maria Antônia reforça o seu significado como um lugar de cultura, educação e boêmia. Nela se encontram restaurantes, lanchonetes e bares – que atendem às demandas próprias do público universitário que transita por aquele local. Os bares e lanchonetes constituem não apenas local de diversão e alimentação, mas também espaços de sociabilidade e de trocas de ideias e de posicionamentos político-ideológicos. As vivências nos famosos “Bar do Zé” e na “Esquina do Índio” são exemplos dessas interações sociais que giram em torno das práticas acadêmicas e culturais próprias dos que frequentam a Rua Maria Antônia. E isso era vivenciado mais intensamente nos anos 1950 e 1960 devido ao conturbado e rico contexto político e cultural daquele período que proporcionava aos jovens vivenciarem de formas múltiplas e diversificadas o cotidiano acadêmico e extra acadêmico no qual a sociabilidade boêmia tinha vital importância, como apontou o ex-aluno e atual professor do departamento de Filosofia da USP, Franklin Leopoldo e Silva (apud SOUSA, 1988, p. 135):

[...] A universidade não era uma interferência na vida dos universitários; era um meio de existir, uma razão de ser e de pensar. Não é por acaso que aqueles que lá viveram dizem, indiferentemente, *a faculdade* ou *a Maria Antônia*, pois a instituição se prolongava, física e espiritualmente, na trindade etílica constituída pelo Cientista, pelo Bar do Meio e pelo Bar do Zé, angulando ainda para a parte do edifício que vizinhava, na rua Dr. Vila Nova, com o Bar Sem Nome. Essa contiguidade, tornada lamentavelmente apenas simbólica, definia uma continuidade real e intrínseca, característica da vida universitária. O plano da convivência acadêmica realizada a nível institucional à medida que a faculdade abrigava diferentes cursos de Filosofia, de Ciências e de Letras, prolongava-se no convívio da rua sem ruptura perceptível entre ofício e paixão, sem diferença marcante que estigmatizasse o saber.

A Maria Antônia era um ponto de encontro de jovens, alguns deles engajados politicamente, que nos intervalos das aulas enchiam os bares da redondeza. O debate político entre os estudantes, por mais tenso que fosse, tornava-se festivo, embalado pelas garrafas de cerveja e de outras bebidas alcoólicas. O depoimento do artista plástico e ex-

aluno da FAU, Cláudio Tozzi, para Gilberto Amendola (2008, p. 11), retrata o cotidiano do jovem universitário da época:

[...]. A gente tinha o prazer de acordar cedo e ficar o dia inteiro na Maria Antônia. Tinha muita festa. Esses botecos todos. Lá também era o centro nervoso do movimento estudantil. Quando acontecia uma assembleia todo mundo ficava sabendo. No *boca a boca* dos bares, nos papos de mesa, a gente ficava por dentro de tudo. Essa proximidade, essa convivência permitia uma organização maior.

Os bares da Rua Maria Antônia lucravam com o entra-e-sai dos estudantes universitários e com as agitações e mobilizações que ocorriam nos arredores. Ao comentar a ocupação do prédio da FFCL da USP, em junho de 1968, Rafael Rosa Hagemeyer, ex-ativista do movimento estudantil da época, em depoimento concedido ao Memorial da Resistência de São Paulo, enfatiza um cotidiano onde o debate ideológico e político tinha como trilha sonora sambas populares e garantia a clientela dos bares, para a felicidade de seus proprietários:

Entre os vizinhos da Maria Antônia, eram os donos dos bares que pareciam mais satisfeitos com a ocupação, pois garantia o movimento comercial num período considerado normalmente fraco, como as férias de junho. Lá os estudantes bebiam, discutiam e cantavam principalmente os sambas antigos ou do Chico Buarque, o que para os padrões estéticos, de acordo com a produção musical do autor deste período, eram sambas que soavam também bastante antigos.

Mas não era apenas o dinheiro dos estudantes que alegrava os proprietários dos bares. Estes também ficavam encantados pelo clima festivo de uma juventude que sonhava em mudar o Brasil e o mundo. As histórias contadas pelo português José Rodrigues, proprietário do Bar e Lanches Faculdade, mas conhecido como “Bar do Zé”, relatadas para o jornalista Gilberto Amendola, representam o cotidiano destes ativistas estudantis e seus diálogos que não se restringiam à política, mas também à cultura e as revoluções pela qual ela passava no final dos anos 1960 (AMENDOLA, 2008, p. 15):

[...]. Invariavelmente surgiam debates fervorosos – mas nem sempre a política era o tema central.

--Roberto Carlos é coisa de playboy alienado.

-- Jovem Guarda⁶ é coisa de direita.

⁶ Segundo Marcos Napolitano (2004, p. 55-56), a Jovem Guarda era um movimento musical que “veiculava um tipo de *rock* ingênuo, mais próximo das baladas norte-americanas do final dos anos 1950 [...]. O cantor e compositor Roberto Carlos transformou-se num fenômeno de popularidade, com suas

- O PT (Paulo de Tarso) gosta de música americana, jazz. Outro nível!
--[...] Música de gringo. Coisa de imperialista.
-- Mas e os Beatles?
-- Os Beatles não são americanos. São ingleses [...].
-- Som imperialista é o que o Caetano Veloso e o Gilberto Gil estão fazendo⁷.
-- Pura cópia! Cópia do [Jimi] Hendrix e da Janis Joplin.
-- Eu gosto dos dois...
-- Eu gosto de Adoniran Barbosa,
--Zé Kéti.
-- Cartola.
--Música brasileira de verdade. Música de violão. Sem essa coisa de guitarra elétrica.

Entre uma garrafa e outra, as conversas estudantis trafegavam entre as discussões culturais em torno da presença cada vez mais forte da música *pop* estrangeira (principalmente norte-americana) e a necessidade de defender e valorizar a música popular brasileira e os debates sobre os caminhos estratégicos que a luta contra a Ditadura Militar deveria tomar. José Rodrigues se afeiçoou aos jovens estudantes, mas pouco compreendia o conteúdo da conversa entre eles (AMENDOLA, 2008, p. 17):

Ave Maria! Eu nunca entendi nada. Eu ouvia, mas não me metia. Eu gostava da garotada. Achava que eles eram honestos e trabalhadores. Agitavam demais, mas eram boas pessoas. Não me envolvi com política, mas torcia por eles.

Se o movimento estudantil e a Rua Maria Antônia muitas vezes são lembrados apenas pelos embates políticos e pelos eventos violentos de 1968, por outro lado o seu grande legado caiu no esquecimento, pois eram neles que germinaram a “revolução

músicas simples e letras consideradas alienadas pela esquerda, que falavam de garotas, carros e pequenas aventuras juvenis [...].”

⁷ Gilberto Gil e Caetano Veloso foram alguns dos principais artistas que integraram a área musical de um movimento cultural que propunha revolucionar esteticamente diversas expressões da arte, denominado de tropicalismo. [...]. No geral, a tropicália pode ser vista como a resposta de uma crise das propostas de engajamento cultural, baseadas na cultura ‘nacional-popular’ e que se via cada vez mais absorvida pela indústria cultural e isolada do contato direto com as massas, após o golpe militar de 1964”. (NAPOLITANO, 2004, p. 63-64). Apesar do grande impacto na mídia e nas artes, o Tropicalismo teve muitos críticos, inclusive entre os jovens artistas e intelectuais ligados à esquerda nacionalista”. (Idem, p. 69-70). Dessa forma, muitos músicos da MPB, como Chico Buarque de Holanda, viam o Tropicalismo como um movimento alienante, um instrumento de propaganda da cultura norte-americana que se contrapunha à música popular brasileira.

cultural”⁸na qual a juventude de classe média contestou os padrões rígidos da cultura tradicional. E nos bares da Rua Maria Antônia, assim como nos pátios e nas salas de aula das universidades, os estudantes lutavam para terem voz na sociedade e, principalmente, terem liberdade de fazerem as suas próprias escolhas.

Gilberto Amendola fez um levantamento dos bares frequentados pelos estudantes nas proximidades da Rua Maria Antônia. Tais locais que mesclavam entretenimento e debates intelectualizados fazem parte não apenas da história da região ou da própria cidade de São Paulo, mas também da música brasileira. Segundo o jornalista, no bar “O Quitanda”, mais conhecido como “Bar Sem Nome”:

Dois estudantes da FAU costumavam se revezar no violão. Um deles já era um tremendo músico, o Chico Maranhão (sexto lugar no Festival da Record, em 1967, com o frevo “Gabriela”) e o outro um rapazinho que, além de ser assim um violeiro tão bom, tinha uma voz bem mais ou menos. Esse outro era o Chico, o Buarque. Foi no Bar Sem Nome que Chico Buarque fez suas primeiras aparições públicas como músico e compositor. Suas canções já eram entoadas pela turma da Maria Antônia antes mesmo de chegarem aos festivais e a consagração popular. As tardes na Dr. Vila Nova eram de batucadas e bebedeiras. Conversas distraídas e sonhos de um país melhor. (AMENDOLA, 2008, p. 19).

Os embates estudantis de outubro de 1968, a posterior decretação do AI-5 e a mudança da FFCL para o campus da USP no Butantã deram um fim à efervescência cultural juvenil e intelectual presente da Rua Maria Antônia e, por muitos anos, a lembrança daqueles tempos reduziram-se aos conflitos entre os alunos do Mackenzie e da Faculdade de Filosofia da USP.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os acontecimentos da Rua Maria Antônia, ocorridos em outubro de 1968, marcaram a lenta decadência de uma região até então identificada com diversas expressões culturais, intelectuais e boêmias. A destruição do prédio da Faculdade de Filosofia da USP e sua transferência para o campus do Butantã e o AI-5 impulsionaram tal desfalecimento dolorido, acompanhada pela desvalorização imobiliária da Vila Buarque e do próprio Centro Velho de São Paulo. Projetos implementados a partir do

⁸ No cenário da cultura ocidental dos anos 1960 houve o que o historiador inglês Eric Hobsbawm (1995, p. 323) denominou de “revolução cultural”, na qual “a cultura jovem tornou-se a matriz [...] de uma revolução nos modos e costumes, nos meios de gozar o lazer nas artes comerciais, que formavam cada vez mais a atmosfera respirada por homens e mulheres urbanos.”

final da década de 2000 reverteram, em parte, tal quadro. Todavia, ainda estão presentes as marcas da decadência do Centro Velho.

Por outro lado, os bares das vizinhanças também mudaram muito. Na realidade, alguns dos antigos botecos dos anos 1950 e 1960 desapareceram com o tempo, enquanto aqueles que sobreviveram tem a concorrência de bares e restaurantes sofisticados. Parece que os estudantes da atualidade, consumidores exigentes, preferem o conforto destes espaços do que a espontaneidade e simplicidade dos antigos bares frequentados pelos antigos integrantes dos movimentos estudantis.

Além disso, se nos anos 1960 boa parte dos universitários vivia a utopia revolucionária embaladas pela MPB ou pelo rock da contracultura, a atualidade da Rua Maria Antônia mostra um vazio cultural. Por exemplo, em 2012, uma reportagem do site Yahoo⁹ destacou os bailes funks (chamados popularmente de “pancadões”) que ocorriam todas as sextas-feiras nas proximidades do Mackenzie. A diversão hedonista prevalece em um meio anteriormente marcado por debates em torno da realidade social brasileira.

Portanto, se nos anos 1960 tínhamos debates embalados pelo contexto político e cultural do país da época, em uma atualidade marcada pela decadência educacional e pela despolitização da juventude, apenas o desejo de divertir-se a qualquer custo prevalece. Ou como apontou o jornalista Leão Serva (Folha de São Paulo, 2018): “Quem anda pela rua vê que atualmente a única disputa intensa é entre marcas de cerveja. Os bares sempre lotados desconhecem divisões ideológicas”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMENDOLA, Gilberto. *Maria Antônia: a história de uma guerra*. São Paulo: Letras do Brasil, 2008.

CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. *Maria Antônia— a interrogação de um lugar a partir da dor*. Tempo Social. Rev. Soc. da USP, São Paulo, 8 (2): 1-10, outubro de 1996.

CLAVAL, Paul Charles Christophe. *Geografia Cultural: um balanço*. In Revista de Geografia. Londrina, v.20, n.3, set-dez. 2011.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. 2.ed. Lisboa: Difusão Editora, 2002.

⁹ NETO, Moriti; SOUZA, Vinicius. “Funk-se quem puder”. Disponível em <http://br.noticias.yahoo.com/funk-se-quem-puder.html?page=all>. Acesso: 14 de maio de 2018.

GARCEZ, Benedicto Novaes. *O Mackenzie*. 2.ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2004.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991)*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MENDES, Marcel. *Tempos de transição: a nacionalização do Mackenzie e sua vinculação eclesiástica (1957-1973)*. 2.ed. São Paulo: Editora Mackenzie, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura Brasileira— utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2004.

RIDENTI, Marcelo. *O fantasma da Revolução Brasileira*. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

SANTOS, Maria Cecília Loschiavo dos. *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.

SILVA, Fernando Santos da. *Maria Antônia: uma rua e seus significados*. Dissertação de mestrado em Educação, Arte e História da Cultura. São Paulo: Universidade Mackenzie, 2018.